

*Nascentes***FEMINILIDADES EM CORPOS
LIDOS COMO MASCULINOS E FEMININOS:
PENSANDO O CORPO A PARTIR DOS GESTOS***Bruno Pacheco***Alana Clecy****Ricardo Oliveira de Freitas****

RESUMO: A feminilidade é imposta a mulher mesmo antes do seu nascimento. Em contrapartida, corpos lidos¹ como homens devem exercer a masculinidade como um troféu. Aos que se afastam desse clã, recaí sobre eles o julgo da violência machista em condenar tal corpo por borrar as normas tidas como padrões. Romper as regras representa infringir as leis e, conseqüentemente, estar sujeito a punições: exclusões, rechaços e até mesmo à morte, afinal, um corpo masculino afeminado é diretamente ligado à orientação sexual gay. Mais que isso, não se trata apenas de ser gay, mas um gay passivo, aquele que, no binarismo capitalista, assume o lugar do corpo entendido como mulher. Desse modo, buscamos discutir as relações de repulsa para com a feminilidade, sobretudo quando essa feminilidade opera em corpos lidos como masculinos. Com esse objetivo, primeiro, dissertamos, brevemente, sobre as relações ideológicas e discursivas. Para tanto, nos apoiamos em Orlandi (2015; 2017) e em Pêcheux (2015). Ademais, aprofundamos as discussões sobre gestos, corpos afeminados e sexualidade humana, tendo como referências Murillo Nonato (2020), Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2016), Jean-Claude Schmitt (1987), Judith Butler (2015), Paul Preciado (2014; 2018), dentre outros.

PALAVRAS CHAVE: Feminilidade. Discurso. Ideologia. Tecnogênero. Farmacopornografia.

Introdução

Discutiremos, ao longo deste texto, como a sociedade, baseada nos princípios conservadores da cisheteronormatividade patriarcal, vê, do ponto de vista ideológico, a feminilidade

* Mestrando em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

** Mestranda em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

*** Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc) e da Universidade Estadual da Bahia (Uneb).

¹ A nossa proposta em utilizar o ter “lido” se dá na ideia de não enfatizar a tecnologia do gênero que molda os corpos falantes. Dito de outra forma, procuramos não pensar a partir da biologia que reduz o sexo/gênero às genitálias. Portanto, dizer que o corpo é “lido” como homem ou mulher é não concordar diretamente com a teoria biológica binária.

em corpos lidos como masculinos e femininos. Nesse sentido, partindo do princípio que somos moldados pelo padrão vitoriano, trazer à baila a discussão a respeito da feminilidade é chamar a atenção para o fato de que a sociedade binariza os corpos, e, acima de tudo, condena a feminilidade, colocando-a em um patamar inferior à masculinidade.

Homens cis (gays e héteros) com aspectos femininos tendem a ser questionados pelo (cis)tema a todo momento devido seus gestos criarem uma falha no processo cognitivo do sujeito já marcado pelas ideologias dominantes. Assim, quando um homem cis (gay ou hétero) performatiza um corpo afeminado, este é colocado em situação de chacota, de deboche e inferiorizado pelos demais que ordenam que ele “vire macho”; que “deixe de ser mocinha”, e que “pare de agir igual uma mulherzinha²”.

Estaria, então, o terror feminino ligado à abjeção às mulheres ou de que forma poderíamos entender esse sentimento para com a feminilidade sobretudo do sexo oposto? Numa tentativa de esmiuçar tal inquietação, faremos uso de algumas discussões para elucidar o problema da sociedade com a feminilidade nos corpos lidos como masculinos e femininos. Murrillo Nonato (2020); Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2016), Eni Orlandi (2015; 2017); Jean-Claude Schmitt (1987), Judith Butler (2015) Paul Preciado (2014; 2018), dentre outros autores, nos servirão de suporte teórico nessa caminhada, provocando, a todo momento, questionamentos sobre o corpo e sua tecnologização, feita a partir do advento capitalismo.

Ideologia e discursos

Apoiado à Análise do Discurso materialista (doravante AD) trazemos algumas considerações sobre a forma com que a ideologia afeta os discursos, ou, melhor dizendo, o modo como a ideologia constitui o sujeito e este a reproduz em seus dizeres. Para tanto, atestamos que “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua” (ORLANDI, 2015, p. 15). Dessa maneira, não há discurso sem ideologia porque os sujeitos são interpelados por ela. Assim, é possível, afirmar que não há discurso isento da ideologia. Pensando nessa perspectiva, partimos da premissa de que a linguagem possui opacidade, ou seja, que “a linguagem não é transparente. Desse modo, ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que se coloca é: como este texto significa?” (ORLANDI, 2015, p. 15). Logo, a língua, não sendo transparente, é sujeita a “falhas”. Em outras palavras:

² O sufixo “zinha” atribuída ao radical “mulher” mostra com quando evidente a desvalorização do corpo da mulher em nossa sociedade machista e misógina.

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de torna-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciação é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. (PÉCHEUX, 2015, p. 53, grifo nosso).

É nesse espaço que a Análise de Discurso trabalha, isto é, nas falhas em que a língua está/é suscetível. Nenhum enunciado é unívoco, sendo passível de deslocamentos e, conseqüentemente, de mudanças nos seus sentidos, podendo possibilitar múltiplos efeitos de sentidos.

O sujeito, para a AD, é visto como um ser ideológico, na medida em que este é constituído pela língua, ideologia e história. Em outras palavras, “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história” (ORLANDI, 2017, p. 22). Assim, o indivíduo só é sujeito do seu discurso porque a ideologia o faz, sendo “obrigado” a interpretar tudo a todo momento por consequência dessa condição. Este, por sua vez, não se dá conta dessa interpelação pelo trabalho que a própria ideologia produz, “colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (ORLANDI, 2015, p. 44).

Ao nascermos, entramos em um processo onde os discursos já habitam. Assim, como bem nos afirma Orlandi, eles não “se originam em nós. Isso não significa que não há singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. [...] Elas se realizam em nós em sua materialidade” (2017, p. 34). Posto isso, o sujeito é atravessado por múltiplos discursos já existentes que juntos não formam um novo discurso, mas uma reformulação, ressignificando tais discursos. Em outras palavras, não criamos um discurso novo, uma nova ideologia, mas nos filiamos a ideologias existentes. Sendo assim, somos a favor destas ou iremos contra elas.

Essas relações de dominação, subordinação e contradição são evidenciadas quando um discurso é posto em análise. Por exemplo, o caso do ocorrido em julho do ano passado, quando o time feminino de handebol se negou a jogar com o uniforme oficial (biquíni). Para melhor entendermos o jogo, contextualizamos o handebol, informando que

é um jogo muito dinâmico, uma vez que os jogadores não podem ficar com a bola nas mãos por mais de três segundos. Além disso, pode-se dar no máximo 3 passos com a bola em mãos antes de passar para outro jogador ou arremessar ao gol. Como no basquete, o atleta pode se deslocar com a bola em quadra, desde que ela seja quicada ininterruptamente no chão. Faltas ocorrem quando há toques de bola com os pés ou outras partes do corpo, bem como agressões, chutes, cotoveladas e empurrões [...] (BRASIL, 2021)

Vejamos a notícia abaixo:

Imagem 01



Fonte: CNN Brasil, 2021.

O time de handebol feminino foi multado quando se negou a usar a parte de baixo do biquíni e optou por shorts. Segundo a reportagem de *Woodyatt* (2021), publicada no jornal CNN Brasil (2021), a Federação Europeia de Handebol (EHF) afirmou que os trajes eram inapropriados e que infringiam das diretrizes impostas às atletas. Em contrapartida, o time masculino de handebol possui um uniforme mais confortável, cobrindo muito mais o corpo, como podemos ver a seguir:

Imagem 02



Fonte: CNN Brasil, 2021.

A discrepância nos uniformes das equipes acontece devido às ideologias sexistas e machistas que pairam na sociedade, que são sustentadas por determinados sujeitos e, conseqüentemente, mantêm-se alimentadas e aceitas por muitos. No exemplo citado acima,

podemos observar que o órgão que delimita as leis desse esporte vai ao encontro às ideologias sexistas e machistas, ou seja, as aceitam e as proliferam, enquanto o time feminino, ao se posicionar contra as regras, está rompendo com esses discursos/ideologias, realizando assim deslocamentos e movimentos de resistência ideológica.

Além da questão do uniforme, outro fato chama atenção. O site *Uni Sport Brasil* nos informa que não há diferença entre treino do handebol masculino e feminino. Contudo, um pouco abaixo, em seu texto, a matéria afirma que, enquanto nos treinos masculinos o foco é “[...] impetuos[o], rija e forte [...]” (BRASIL, 2021), nos treinos femininos focam-se em ser “[...] enérgicos, fluidos e compassados [...]” (BRASIL, 2021). Dessa forma, fica contraditório afirmar que não há diferença os jogadores homens e mulheres.

As ideologias dominantes também têm relações com as formações imaginárias. Estas são as imagens que o sujeito faz dele mesmo e de tudo que existe, desde outro sujeito a uma classe social. Dessa maneira, as formações imaginárias são um campo de relação de forças, a partir do momento em que se constrói uma imagem sobre um sujeito ou grupo. Concomitantemente, é construído uma adjetivação para tal imagem como bom/ruim, superior/inferior etc., isso em decorrências das condições sócio-históricas e ideológicas. À vista disso, ainda de acordo com Orlandi: “pensando as relações de forças, a de sentidos e a antecipação, sob o modo do funcionamento das formações imaginárias, podemos ter muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história” (2015, p. 39). Essas imagens, quando compartilhadas e aceitas por muitos, tornam-se estereótipos, sejam positivos ou negativos. Ressaltamos que esse imaginário, essa imagem, não necessariamente condiz com a imagem que o sujeito faz de si, na medida em que esse imaginário é uma construção aceita sobre algo, mas não necessariamente o é. Por isso, quando explanamos sobre imaginário do feminino e do masculino, estamos tratando da imagem que criamos destes, e não do próprio sujeito ou sujeitos como de fato são. Nesse sentido, o imaginário não é fixo, “assenta-se no modo como as relações se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder” (ORLANDI, 2015, p. 40).

Ainda relacionado à formação imaginária, temos os estereótipos, que são “imagem(ns) socialmente cristalizada(s)” (GATTI, 2013, p. 43, grifos nossos). Estes “carimbam” um sujeito ou classe como bons, ruins, tristes, alegres, importantes, inferiores, entre outras definições. Dito de outra forma, os estereótipos “desempenham o papel importante de dar valor à categorização na interação social” (GATTI, 2013, p. 46). Como partes da formação imaginária, os estereótipos também são constituídos das relações sócio-históricas e ideológicas, como ocorre sobre os corpos, assim que nascemos, quando são impostos a nós a

feminilidade ou masculinidade conforme apontado pela genitália da criança. Corpos lidos como mulheres são associados à feminilidade; já os corpos lidos como homens, à masculinidade. Isso ocorre devido às ideologias que são sustentadas nas sociedades a partir dos discursos religiosos, políticos, legislativos, educacionais etc., todos ligados ao capitalismo.

Dessa maneira, a falta de feminilidade em corpos lidos como mulheres e a presença desta em corpos lidos como de homens são desprezadas socialmente, pois contrariam as ideologias sexistas e heteronormativas. Isso porque a “feminilidade é compreendida como um conjunto de características e comportamentos culturais e socialmente construídos, associado ao gênero e à sexualidade feminina” (VEIGA, 2012 *apud* MOURA e NASCIMENTO, 2021, p.1). Nessa seara, fica evidente, conforme nos apresenta Paul Preciado, quando discute o tecnôgênero, que nada pertence à natureza, mas sim à cultura e, mais que isso, às tecnologias impostas pelo capitalismo como forma de produção e reprodução. Para Preciado, o tecnôgênero é um biocódigo que realiza uma programação nos sujeitos falantes, tornando-os em tecnologia, ou seja, a reprodução capitalista de técnicas, formatando os corpos em sujeitos sintéticos, dando a eles a identidade de um sujeito natural (que não existe). Assim, um homem gay másculo sofre menos preconceito que um gay afeminado, visto que a imagem do afeminado está intrinsecamente ligada ao ser feminino, e esse feminino da civilização está considerado e construído socialmente como inferior ao homem biológico e do sexo masculino, pois, a heteronormatividade opera através do capitalismo, produzindo a ordem que legitima a sujeição de um corpo sobre outro. Essa inferiorização é legitimada pelas ideologias machistas, patriarcalista e heteronormativas que se materializam pelos discursos religiosos, políticos, educacionais, todos assujeitados ao capitalismo, como dito anteriormente. Um exemplo é a imagem de Eva como a culpada pela perdição de Adão, no paraíso, tornando-se, além de ré, um corpo submisso ao seu oposto, tendo, agora, que cumprir as funções matrimoniais patriarcais, para a religião, e reprodutora, para o capitalismo, pois, uma mulher que não reproduz não serve para a sociedade.

Contudo, o “afeminamento de um homem não é aceitável, tornando-o desprestigiado, pois tal característica denota passividade e fragilidade e o coloca em um patamar inferior” (MOURA e NASCIMENTO, 2021, p.4), isso devido a associação ao feminino. Mas, quando a mulher não deixa de performatizar a feminilidade, ela não é tão menosprezada, visto que sua imagem está ligada ao homem, este ser tido como superior pelas ideologias dominantes. Dessa maneira, a questão não é como o corpo de fato é, mas como este é lido socialmente. De acordo com Judith Butler, “o corpo’ em si é modelado por forças políticas com interesses estratégicos em mantê-lo limitado e construído pelos marcadores sexuais” (2015, p. 185).

Assim, as ideologias e discursos dominantes moldam os corpos conforme seus interesses e todas aquelas que rompem com essas diretrizes são associadas ao ruim, deplorável e inferior, como é o caso dos corpos lidos como homens afeminados, sobretudo quando gays.

Corpos masculinos afeminados

Quando pensamos no corpo lido como masculino, imediatamente nosso consciente produz imagens de um corpo másculo, alto, viril, cabelos curtos e musculatura definida. Explorando um pouco mais, ou melhor, discutindo a imagem desse corpo, agora no âmbito sexual, ele é o dominador que penetra e o provocador de desejos no corpo de outro sujeito. Este, dentro do ideário-imagético-ideológico da sociedade cisheteronormativa, é o ‘Adão’ que do seu suor mantém a casa e tem a sujeição da esposa, pois como bem canta MC Linn da Quebrada o homem patriarcal se resume “[...] na força de Deus e na glória da pica”. A este corpo lido como homem é negado o direito de demonstrar sentimentos, de chorar, de se colocar em uma posição de vulnerabilidade, afinal, ele é líder, chefe da família, responsável por manter a ordem canônica do lar. Em contrapartida, quando um homem borra o (cis)tema heteronormativo, performando o gênero feminino, portanto, tornando-se afeminado, no mesmo instante ele é associado ao corpo lido como da mulher, cuja ideologia sempre coloca como sujeito mais fraco e desprezível, comparado ao seu oposto, o corpo masculino. Ser homem é não desfrutar de sentimentos, não permitir agir com a emoção. Mais do que isso, conforme nos afirmam Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2016, p. 31) “[...] ser um homem é ser impenetrável.”, isto é, nenhuma demonstração de afeto pode lhe penetrar ao ponto de causar-lhe sentimentos.

Mas, afinal, o que define um homem afeminado? Como é identificado a feminilidade no corpo do homem lidos cis hétero ou gay? Em seus estudos no campo da História, Jean-Claude Schmitt dedicou-se a escrever um artigo para compreender a formação gestual ao longo da civilização. Logo no início do texto, Schmitt (1987, p. 141), após citar a consagração do texto sobre o corpo, escrito pelo sociólogo e antropólogo Marcel Mauss, afirma “[...] que os gestos, as atitudes, os comportamentos individuais são aquisições sociais, [...] fruto de aprendizagens e de mimetismos formais ou inconscientes. [...]”. Ora, se os gestos se dão por “aquisições sociais”, isso quer dizer que a ideologia presente nos discursos nos moldam em sujeitos masculinos (lidos como homens) e femininos (lidos como mulheres). Dessa forma, quando o sujeito se desvia da ideologia imposta sobre si, ele causa um deslizamento no discurso, além de ferir as normas preexistentes na sociedade.

As características mais gerais da longa reflexão sobre os gestos são as seguintes: primeiro, essa reflexão é essencialmente de natureza ética; ela procura definir uma norma, a saber, o bom e o mau gesto, em nome de valores universais que podem ser, segundo as épocas, a razão humana ou o olhar de Deus. Em segundo lugar, o gesto é considerado como a *expressão* física e exterior (*foris*) da alma interior (*intus*). Essa concepção da expressividade dos gestos (qualquer que seja a identificação, filosófica, religiosa ou psicológica, de seu referente) e a representação dual da pessoa que sustenta são esquemas constitutivos da cultura ocidental, a contemporânea inclusive. Em terceiro lugar, a relação do corpo e da alma, que, segundo a tradição ética, é estabelecida pelos gestos, pode sugerir, em compensação, uma ação sobre o corpo, uma disciplina dos gestos – gestos da prece ou comportamentos mais comuns – influenciando sobre a alma, para conformá-la às normas morais: mas essa possibilidade é mais raramente evocada em momentos em que a reflexão sobre os gestos se faz intensa. (Schmitt, 1987, p. 142, grifos de autor)

Por sua vez, novamente, Preciado nos mostra como os gestos foram introduzidos através das tecnologias do corpo, em um processo capitalista que organiza a sociedade por meio da sexualidade, sendo esta o centro. Em uma lógica judaico-cristã monosssexual, Deus cria o homem à sua imagem e semelhança, e, logo em seguida, deste corpo formado cria a mulher. Por consequência, o homem é tido como o sexo original, algo perpetuados por séculos. O processo tecnológico de produção biopolítico – religioso e científico, por exemplo – cria o binarismo como estratégia de naturalização dos corpos, isto é, transformando em natureza por serem considerados biológicos. Para Preciado (2018), o sexo é um dispositivo tecnológico biopolítico, que produz as zonas erógenas pênis e vulva. Essa produção encontra-se ligada à assimetria do poder porque há, nela, uma valorização de uma zona sobre outra: o pênis assume o lugar de primazia e de transcendentalidade sobre a vulva. Nasce, portanto, o falocentrismo, gerado pelo capitalismo.

Como afirma Preciado:

No Regime farmacopornográfico, o gênero se constrói nessas redes de materialização biopolítica; ele se reproduz e se consolida socialmente ao transformar-se em espetáculo, em imagem em movimento, em dados digitais, em moléculas farmacológicas, em cibercódigos. Os gêneros masculino e feminino farmacopornográficos existem diante de um público, como uma construção somatodiscursiva de caráter coletivo, frente à comunidade científica ou a uma rede. O tecnogênero é biocódigo público, científico e da comunidade em rede. (2018, p. 128)

Em outras palavras, assim como Jean-Claude Schmitt, Paul Preciado desmente a naturalização dos corpos, como um ser criado, em todas as instâncias, pelos sagrados. Isto é, ambos os autores mostram, com clareza, que tudo parte não do natural, da natureza, da gênese, mas sim da cultura, da criação, da ideologia e, acima de tudo, do capitalismo como tática de reprodução de corpos proletários. Mais uma vez, notamos como a era, chamado por Preciado de farmacopornográfico, opera, moldando os corpos com os dispositivos sexo

e gênero para um controle social e sexual. Fugir dessas normas, ou melhor, furar a bolha é um ato contrassexual e contraprodutivo.

Contudo, é preciso ressaltar que essa contrassexualidade não se trata de uma “nova criação de uma nova natureza” (PRECIADO, 2017, p. 21). É, antes disso, a morte da natureza já existente, que cria o binarismo e produz uma hierarquia de um corpo sobre outro. Preciado defende o fim de uma ordem tida como natural, definida imutável e transcendental. A contrassexualidade e o método de produzir falhas e provocar deficiências no capitalismo, levando-o a questionamentos sobre a sociedade.

Feminilidade em corpos lidos como homem na aristocracia

Tempos atrás, em nossa cultura, era muito comum ouvir falar que homens desprovidos de gestos masculinos possuíam alma feminina, portanto, seus corpos reproduziam exatamente os gestos do seu interior, como afirma Jean-Claude (1987). Nessa perspectiva, dizer que a alma de determinado homem era feminina colocava em prática a observação dos gestos sobre aquele corpo. Estes, por sua vez, eram considerados homens sensíveis, pois, não se tratava apenas de gestos, mas sim de desejos, práticas, emoções e sentimentos, isto é, tudo aquilo que é privado ao homem moderno, por ser lido como elementos femininos. Na tentativa de rotular os corpos dos sujeitos, a sociedade, manipulada pela heteronormatividade capitalista, se vale dos gestos para dizer quais corpos encontram-se dentro ou fora da ética heterossexual. Assim, todo corpo que, pelos gestos, fogem desse controle social, é tido como subalterno, desviante e, mais que isso, sem direito à vida.

Os homens afeminados são vistos

frequentemente, no imaginário popular, como sujeitos que incorporam uma masculinidade defeituosa e, não raro, ao caminhar pelas ruas, geram pane nos esquemas mentais das pessoas porque impossibilitam uma identificação automática de sua performatividade dentro do binarismo de gênero [...]. (NONATO, 2020. p. 15)

A feminilidade, que hoje causa pane na sociedade, era vista, antes, como excesso de desejo por mulheres. Em outras palavras, o desejo exorbitante pelas mulheres, à época da aristocracia, era tanto ao ponto de homens adquirirem em si traços femininos, conforme aponta Nonato ao traduzir um trecho de *Romeu e Julieta*, obra de Shakespeare: “ó doce Julieta, / sua beleza me tornou afeminado, / e em meu temperamento foram suavizados meus valores de aço!” (SHAKESPEARE *apud* NONATO, 2020, p. 26).

Contudo, nos dias atuais o ‘cis’tema heteronormativo condena e abjetifica o corpo masculino afeminado, associando-o diretamente ao gay. É preciso, aqui, ressaltar que se trata

do gay afeminado, pois o gay másculo, ainda que esteja às margens da heteronormatividade, é menos abjetificado que o gay afeminado. Tal desvalorização acontece porque a sociedade assemelha o gay afeminado ao gay passivo. Este, por sua vez, encontra-se em maior situação de vulnerabilidade, pois a sociedade “[...] valoriza-se de forma completamente diferente quem adota o papel ativo (a pessoa que penetra) e quem assume o papel do chamado *passivo* (a pessoa penetrada). [...] Trata-se de um ódio ao lugar passivo e, sobretudo ao homem penetrado” (SÁEZ & CARRASCOSA, 2016, p. 29, grifo dos autores).

Considerações finais

Em uma sociedade cisheteropatriacal, nascer em um corpo lido como o de homem é ter privilégios em todas as instâncias. Ao contrário, nascer em um corpo lido como o de mulher é ter que carregar o jugo do sexo inferior, frágil e menos competente, comparado ao seu oposto. Uma criança nascer homem, de acordo com os parâmetros biológicos, é dádiva divina. A sociedade esperará deste uma performatividade masculina, máscula, viril, sendo inaceitável desviar-se dos seus “princípios”. Uma criança que, também de acordo com os paradigmas da biologia, nasce mulher, tem por obrigação performatizar a sua feminilidade, tornar-se feminina a cada dia, para que seja desejada enquanto mulher. Mais que isso, ela precisa a todo tempo expor essa feminilidade através de roupas decotadas, maquiagens, lingerie, saltos altos, etc. Principalmente demonstrar essa feminilidade pelas ações e gestos, ser submissa, doce, paciente, amável, etc., para então, ser considerada uma mulher de “verdade”.

Desse modo, deixamos a seguinte reflexão sobre como a sociedade constrói e moldam corpos de acordo com o que lhes é “normal” e aceito. Também elucidamos ao longo do texto sobre quais mecanismos (discursos, mídias, histórias, crenças, etc) permitem essa delimitação e aceitação entre corpos afeminados ou não. Ao fim de todas as considerações, afirmamos que fugir dos padrões é ser considerado um desviante da heteronorma, é estar em situação de vulnerabilidade, de exclusão e de rechaço ao mesmo tempo que é viver livre longe fingir ser outra pessoa, é posiciona-se contra discursos/ideologias excludentes e ser uma força contra elas, proliferando assim, discursos/ideologias mais respeitosas e acolhedora. Como afirma Preciado, precisamos dinamitar o sistema tecnológico com a contrassexualidade para que haja, unicamente, corpos falantes e não corpos binários.

FEMINILITIES IN BODIES READ AS MALE AND FEMALE: THINKING THE BODY BASED ON GESTURES

ABSTRACT: Femininity is imposed on a woman even before her birth. On the other hand, bodies³ read as men must exercise masculinity as a trophy. Those who move away from this clan fall under the yoke of sexist violence in condemning such a body for blurring the norms seen as standards. Breaking the rules represents breaking the law and, consequently, being subject to punishment: exclusions, rejections and even death, after all, an effeminate male body is directly linked to gay sexual orientation. More than that, it is not just about being gay, but a passive gay, one who, in capitalist binarism, takes the place of the body understood as a woman. In this way, we seek to discuss the relations of repulsion towards femininity, especially when this femininity operates in bodies read as masculine. With this objective, first, we briefly discuss the ideological and discursive relations. To do so, we rely on Orlandi (2015; 2017) and on Pêcheux (2015). Furthermore, we deepen the discussions about gestures, effeminate bodies and human sexuality, having as references Murillo Nonato (2020), Javier Sáez and Sejo Carrascosa (2016), Jean-Claude Schmitt (1987), Judith Butler (2015), Paul Preciado (2014; 2018), among others.

KEYWORDS: Femininity. Speech. Ideology. Technogenre. Pharmacopornography.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, Uni Sport. *Handebol feminino e masculino: quais são as diferenças?* Disponível em <https://www.unisportbrasil.com.br/handebol-feminino/>. 2021. Acesso em 28 de abr 2022.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2015.

GATTI, Márcio Antônio. *A representação da criança no humor: um estudo sobre as tiras cômicas e estereótipos*. Tese (doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade de Campinas – UNICAMP, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268872> .

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In:_. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Casac Naify, 2003.

MOURA, Renan Gomes de; NACIMENTO, Rejane Pevot. *O gay afeminado nas organizações: uma tensão permanente com padrões heteronormativos*. Revista Estudos Feministas: Florianópolis, 2021.

NONATO, Murillo. *Vivências Afeminadas: pensando corpos, gêneros e sexualidades dissidentes*. 1 ed. Salvador-BA: Editora Devires, 2020.

ORLANDI, Eni. Análise do discurso. In: _____. LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. (Org.) *Introdução às ciências da linguagem*. Discurso e textualidade. 3 ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 12 ed. Campinas-SP: Pontes, 2015.

³ Our proposal to use having “read” is based on the idea of not emphasizing the technology of the genre that shapes speaking bodies. In other words, we try not to think from the point of view of biology that reduces sex/gender to the genitals. Therefore, to say that the body is “read” as male or female is not to agree directly with the binary biological theory.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 7 ed. Campinas – SP: Pontes, 2015.

PRECIADO, B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, B. *TESTO JUNKIE: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

QUEBRADA, Linn da. *Talento*. Lyric Video: 2017. Youtube.

SAEZ, Sáez; CARRASCOSA, Sejo. *Pelo Cu*. políticas anais. Tradução Rafael Leopoldo. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016.

SCHMITT, Jean-Claude. *A Moral dos Gestos*. Revista Communications. 1987.

WOODYATT, Amy. Time feminino de handebol de praia da Noruega é multado por não jogar de biquíni. *CNN Brasil*: São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/time-feminino-de-handebol-de-praia-da-noruega-e-multado-por-nao-jogar-de-biquini/> . Acesso em 03 de dez. 2021.

Recebido em: 03/05/2022.

Aprovado em: 13/07/2022.